As salas japonesas no bairro da Liberdade

Olga Futemma

São Paulo, 1955.

Quase todos os sábados, o mesmo ritual: a família se aprontando, o táxi grande — onde eu ia em pé sobre os meus quatro anos —, o saguão do Cine Niterói na rua Galvão Bueno, bairro da Liberdade.

E então, acontecia: depositavam-me na bilheteria do cinema, junto da funcionária nissei extremamente gentil, colocavam uma caixinha amarela de caramelos nas minhas mãos, despediam-se eu os via atravessar a cortina verde que nos separaria por duas horas. As espiadas breves que eu dava lá para dentro me falavam de um mundo escuro e altas vozes falando em japonês.

De repente, as cortinas se abriam e eu reencontrava a família e, estranho, todos me pareciam transformados: minha mãe, às vezes, saía enxugando lágrimas; meu pai, pensativo; minhas irmãs, comentando os atores.

Hoje, não encontro sequer uma caixa de caramelos parecida com aquela. Os anos de glória de exibição de filmes japoneses se acabaram. E nós, nós crescemos.

Da década de 50, os japoneses se lembram do cine Tokyo (em Tohoscope), na Rua São Joaquim, e do Cine Niterói, inaugurado em julho de 1953, exibidor das produções Toei. A presença dos "ambulantes" que levavam as fitas nos *Kaikans* (clubes) do interior era fundamental para a continuidade de circulação desses filmes: ainda em 59, a empresa Cine Nippon (distribuidora) contava com quatro funcionários ambulantes e a Toei tinha até um projetor próprio para estas sessões.

Na década de 60, a presença do cinema japonês se consolida: quatro salas, todas no bairro da Liberdade, com uma oferta total de aproximadamente 4.000 poltronas... e as casas lotavam nos fins-de-semana. O Cine Niterói ainda era na Galvão Bueno, antes da construção do elevado Costa e Silva: 1.400 lugares, fitas de aventura e samurais; o Cine Nippon, tido como o mais chique, as poltronas dispostas em degraus e não em rampas, *sete* "indicadores" (fazendo as vezes de porteiras e lanterninhas) servindo a *Obâtchans* (velhinhas) que se moviam curvadas e reverentes entre as fileiras, filmes "tradicionalistas", dramas familiares e regionais; o Cine Nikkatsu, funcionando no lugar do Cine Tokyo, do qual ninguém mais diz nada e que, no entanto, programava filmes como *Fogo na Planície*, de Kon Ichikawa (em tempo: hoje, no Brasil, não existe mais distribuição Nikkatsu e, no Japão, a sua produção se especializou em filmes pornô); o Cine Jóia, exibidor dos filmes da Toho, que sempre se notabilizou por produzir os "Kurosawa/Mifune".

Foi também a década em que a colônia experimentou um profundo sentimento de orgulho: os filmes começaram a atravessar as fronteiras do bairro e a atingir o público ocidental. Já em 1959, a *Lenda de Narayama*, de Keisuke Kinoshita, tinha inaugurado um período feliz para a distribuição japonesa em salas outras. Em 1962, a Praça da República conhece filas de japoneses e brasileiros esperando a vez de ver a primeira parte de *Guerra e Humanidade*, de Masaki Kobayashi, no Cine República. O *Corvo Amarelo*, de Heinosuke Gosho, em 1963, fica 13 semanas em cartaz no Cine Coral, para depois seguir para o Rio.

É como se, embutida na apreciação da crítica e do público brasileiros, estivesse presente uma aceitação, digamos, da nacionalidade japonesa por parte dos brasileiros. Era um espaço novo que se abria: o imigrante comum não pensava em termos de distribuição, exibição, comércio etc.; naquele momento, ele se considerava merecedor de respeito por parte do brasileiro, na medida em que este brasileiro admirava, por exemplo, Toshiro Mifune. Difícil descrever a importância dos chamados filmes "nobres", de aceitação internacional, para o processo de adaptação dos japoneses entre nós; difícil também apontar o momento em que o cinema deixa de ser apenas uma alternativa de lazer para se tornar um elemento de escoramento para a fragmentada identidade cultural de um imigrante.

O movimento maior, evidentemente, continuava nos limites do bairro, mas era sempre saboroso saber que os paulistas (todos os paulistas) tinham a chance de conhecer Kinuyo Tanaka, Takakura Ken, Kyo Machiko, Tatsuya Nakadai, Takamine Hideko e tantos outros rostos, rostos, sempre rostos emoldurados nas salas de espera.

Depois, a queda.

Por ausência de uma estratégia das companhias distribuidoras que garantisse a formação de novos públicos ou por um natural movimento da nova geração de nisseis para a cidade como um todo, ou ainda por tudo isso mais a pressão das regras de importação — como a copiagem obrigatória em território brasileiro — e dos altos custos de tradução/legendagem/marcação/taxas (altos para quem tem apenas uma sala de exibição), cada uma dessas companhias atravessou, na década de 70, uma trajetória de decadência ininterrupta.

O depósito de filmes da Toho nesta época dá uma idéia bastante precisa desta decadência: filmes importantes empilhados nos fundos de uma floricultura, lugar úmi-

Inácio Iha

O Cine Niterói, em São Paulo, tem 933 lugares mas há dois anos reprisa os filmes da distribuidoa Toei.

do e inadequado até para quem não tem como circular muito os mesmos filmes.

Resultado: a Nikkatsu e a Toho deixaram de trazer filmes, porque o Brasil deixou de ser um mercado rentável e os seus escritórios brasileiros não conseguiam resolver as dificuldades que se avolumavam. E, em 1980, o Cine Nippon, aquele tão elegante, também fecha, os seus filmes (Shochiku) ocupam a sala Jóia que passa a dividir com o Niterói o pouco público ainda fiel ao filme japonês.

O panorama, hoje, é desalentador. O representante da Shochiku não consegue importar mais filmes nem cobrir o aluguel do Cine Jóia e os salários de seus oito funcionários, pois dos 987 lugares, apenas 50 nos dias de semana, 150 nos sábados e 250 nos domingos são ocupados. De pouco adianta o *ikebana* (arranjo floral) no pequeno *hall* e os crisântemos que delicadamente enfeitam o banheiro dos homens: a lotação só é preenchida em sessões especiais e gratuitas. Mas por ser o escritório do Brasil da grande Shochiku do Japão, conseguiu acumular uma razoável reserva de cópias, algumas ainda sem legendas.

Não é a situação da sala Niterói: há mais de dois anos que não se importa mais nada e não há reservas, portanto, que alimentem a sua programação — o que lhe confere, incomodamente, a pecha de "reprisadora" de seus próprios filmes. Trata-se, evidentemente, de uma situação que não pode continuar. Como o proprietário mesmo admite, não há cinema comercial que viva de "festivais" (como o ciclo Tomu Uchida, recentemente) e de re-

prises. Mas ele tem a sala com 933 lugares. E uma tradição — seu pai foi o proprietário do primeiro Niterói, desapropriado em 1971 —, mas esta tradição também não facilita suas relações com a poderosa Toei. Então, no Japão, uma estrutura extremamente burocratizada e um interesse puramente comercial e, no Brasil, as dificuldades apontadas (custos) mais burocracia e uma legislação indiferenciada etc. compõem os fatores que impedem, pelo menos, a entrada de filmes *karatê/yakusá (gangsters)* da produção Toei atual.

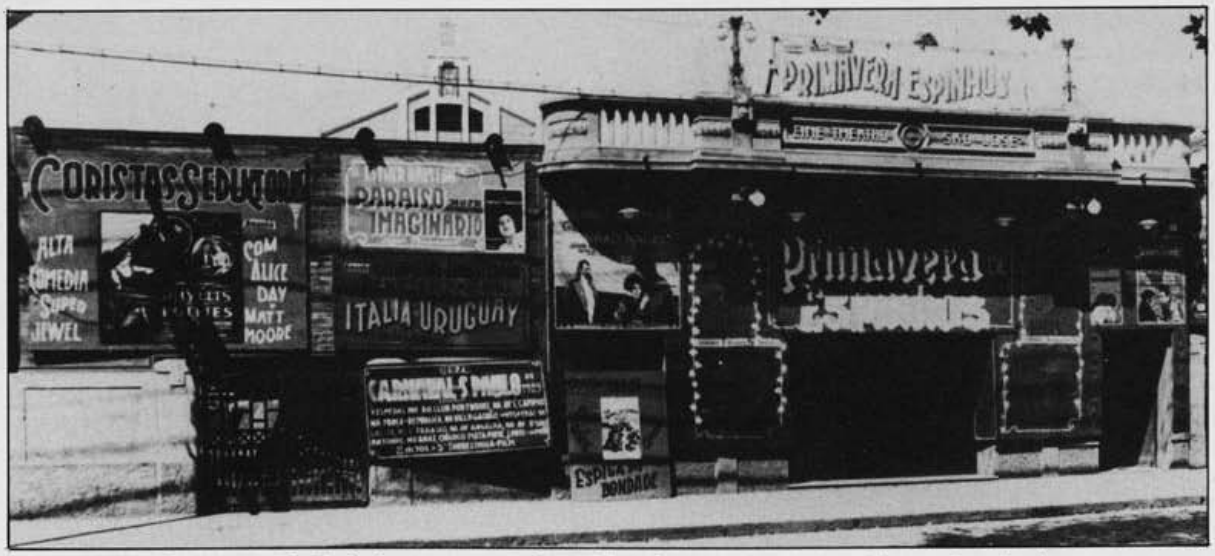
Talvez a solução seja readaptar os papéis dos dois sobreviventes do cinema japonês entre nós: a Shochiku como distribuidora e o Niterói como exibidor. Assim, simplesmente, porque uma tem os filmes e o outro, a sala; porque o público é pequeno e porque é preciso baixar os custos e lutar juntos por uma legislação que reconheça a particularidade de um cinema com estas características.

Resta, ainda, tentar compreender o que se passou, afinal. Havia um quadro especial: uma colônia bastante estruturada internamente, com uma cinematografia brilhante, sólida, sustentada por enormes empresas no seu país de origem. Lentamente, nestes 20 anos, esta colônia se dilui, seus descendentes passam a conhecer outras cinematografias, a procurar sua identidade e seu lazer em limites mais largos. Coincidentemente, aquele cinema, apesar da sustentação industrial, perde o seu fôlego, seu brilho, seu inconformismo de propostas, passando a garantir seu espaço internacional com poucos grandes filmes e nomes de alguns realizadores famosos.

Mesmo tentando superar o sentimento de nostalgia em relação aos anos 60 — porque, assim como ninguém mais deixa seu filho numa bilheteria, não importa quão gentil seja a bilheteira, é preciso reconhecer também que o espaço de comércio destes filmes realmente deve ser redefinido segundo o perfil atual da colônia, da cidade e da produção lá no Japão — ainda fica a expectativa de que se resolve pelo melhor este momento difícil e que permaneça ao menos *uma* sala, veiculando filmes que mobilizem os paulistas (japoneses ou não) a acompanharem este cinema.

Para nós, que crescemos, sobra o consolo de saber que os caramelos eram gostosos, que o ritual ensinou a gostar de cinema e que os filmes — todos sabem —, os filmes eram bons.

Informações obtidas junto a Rosa T. Iwama (administradora do escritório Schochiku, em São Paulo) e a Augusto T. Tanaka (proprietário do Cine Niterói). Colaboração de José Francisco de Oliveira Mattos.



Na esquina da Xavier de Toledo com o Viaduto do Chá existiu o Cine-Teatro São José.